

O COMEÇO DA  
**VIDA** 2  
LÁ FORA



**MATERIAL DE APOIO**

O COMEÇO DA  
**VIDA** 2  
LÁ FORA

Aqui você vai encontrar tudo o que precisa saber sobre o documentário e como se aprofundar nas questões trabalhadas no filme.





# SINOPSE

Conexões genuínas entre as crianças e a natureza podem revolucionar o nosso futuro. Mas será que essa descoberta ainda é possível nos grandes centros urbanos do mundo?

Evidências científicas apontam que a falta de contato com a natureza pode contribuir para problemas físicos e mentais. No novo capítulo de “O Começo da Vida”, os principais especialistas no tema mostram como essa conexão pode fazer parte da cura para os maiores desafios da humanidade contemporânea e da construção de uma vida de mais bem-estar e felicidade.

O filme revela que esse pensamento tem sido transformador em diversas cidades pelo mundo que valorizam e promovem uma maior conexão com o mundo natural. A soma entre ciência e ação significam uma oportunidade única para um futuro com mais saúde para os humanos e para o planeta.



# NOTA DOS APOIADORES

## FUNDAÇÃO GRUPO BOTICÁRIO

O isolamento social despertou a vontade de desfrutar experiências simples ao ar livre, seja na praia, na praça ou mesmo em uma trilha na floresta. O que muitos ainda não sabem é que esse contato com a natureza pode significar mais do que momentos de lazer. A prática representa também benefícios para a saúde e o desenvolvimento das crianças. Basta observar como é natural brincar com um graveto ou uma folha seca que elas encontram no solo, por exemplo. Elas já nascem conectadas com a natureza e precisamos manter ou permitir essa reconexão a partir de coisas simples. No cenário atual é ainda mais evidente a necessidade de ter áreas verdes nos espaços para proporcionar a oportunidade de aprender e brincar. Eu tive essa chance ao morar em uma cidade do interior do Paraná quando era criança e, com um intenso contato com a natureza, com florestas e muitos animais. Foram anos de muita liberdade e aprendizados ao ar livre.

O filme “O Começo da Vida 2: Lá Fora” é a oportunidade de unir minha trajetória pessoal com minha atuação profissional. É o compromisso da Fundação Grupo Boticário de promover uma reflexão sobre a importância da natureza para o desenvolvimento infantil. A conexão com a natureza pode estar bem perto. Uma árvore pode ser fonte de aprendizado, um lugar para brincar e uma fonte inesgotável de descobertas, assim que for possível deixar as crianças brincarem livremente. A natureza está em todos os lugares e no período pós-pandemia podemos retomar o contato com ela de uma maneira diferente, aproveitando essa proximidade e todos os benefícios que ela oferece. Queremos que ela esteja presente nas escolas, nas brincadeiras e no dia a dia das pessoas para melhorar a qualidade de vida delas.

***Malu Nunes, Diretora Executiva da Fundação Grupo Boticário***

## INSTITUTO ALANA

O Instituto Alana aposta em filmes para promover causas há mais de dez anos. A cada lançamento, jogamos luz naquilo que é mais urgente no momento. Por isso, lançar “O Começo da Vida 2: Lá Fora” agora é tão relevante. Estamos vivendo um momento que nos força a repensar nossa relação com as cidades e a importância da natureza para a nossa saúde mental, física, emocional. Quando pensamos nas crianças - que são o foco do nosso trabalho há 25 anos - essa conexão se torna ainda mais necessária. Não há futuro possível sem que esse vínculo seja forte e de muito afeto, e cabe a nós, os adultos, nutri-lo e criar condições para que ele aconteça.

*Carolina Pasquali e Isabella Henriques, Diretoras Executivas do Instituto Alana*

## PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE

Nós dependemos da natureza muito mais do que imaginamos. Claro, ela nos fornece alimentos, medicamentos, recursos e bem-estar. Mas a conexão com o verde e o vivo também tem um papel vital na saúde, no aprendizado, no desenvolvimento integral e na socialização infantil. O filme mostra de forma inspiradora e com embasamento científico que a relação criança e natureza é mutuamente benéfica. É nela que nasce o cuidado com o meio ambiente, que nos percebemos como parte da teia da vida e nos sentimos humanos.

*Denise Hamú, Representante do PNUMA no Brasil*

## FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL

Ainda prevalece a crença de que a criança só aprende quando começa a falar ou mesmo apenas quando ingressa na escola. Mas a ciência já comprovou que a aprendizagem inicia-se muito antes disso, ainda na gestação, e o aprendizado nos primeiros anos acontece nos mais diversos contextos e espaços. A brincadeira é, sem dúvida, o melhor jeito de aprender. Por essa razão - e por todas as outras que o documentário mostra -, o contato com a natureza se torna essencial no processo de desenvolvimento das crianças. Brincar ao ar livre leva a diversos ensinamentos, que preparam a criança para uma vida adulta mais feliz e saudável - e a torna mais consciente e preparada para cuidar do planeta. Por tudo isso, e pelo cuidado com a produção e com as informações contidas no filme, que a Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal tem muito orgulho de ser uma das apoiadoras de “O Começo da Vida 2: Lá Fora”.

*Paula Perim, Diretora de Comunicação da Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal*

## FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER

Bebês estão chegando no mundo, descobrindo a vida. A natureza é o melhor e maior laboratório de experimentação para esses pequenos cientistas. Investir em áreas públicas, abertas, que promovam movimentos, provoquem os sentidos e facilitem encontros diversos, é o caminho ideal para o desenvolvimento integral. Assim que eles descobrem o mundo, se encantam e se apaixonam. Quanto mais natureza na vida deles, melhor, e o filme nos enriquece com as evidências dessa importância na vida das nossas crianças.

*Claudia de Freitas Vidigal, Representante da Fundação Bernard van Leer no Brasil*

## CHILDREN & NATURE NETWORK

Quando cunhei o termo “Transtorno do Déficit de Natureza” nunca imaginei que ajudaria a desencadear um movimento mundial. Este filme é prova do poder deste movimento e da necessidade urgente de proteger o laço sagrado entre crianças e a natureza.

*Richard Louv, autor e co-fundador do Children & Nature Network*

## PROGRAMA CRIANÇA E NATUREZA

Garantir o direito das crianças ao contato direto e cotidiano com a natureza é um desafio sistêmico que demanda uma mudança de paradigma. Este filme nos conta como o confinamento da infância já era uma realidade, e vem contribuir para relembrar a sociedade de que é fundamental devolver às crianças a chance de viver uma infância livre, saudável e rica em natureza, e que essa experiência também é uma forma de cuidar do bem-estar do planeta.

*Lais Fleury, Coordenadora do Programa Criança e Natureza do Instituto Alana*

## UNITED WAY

Um dos focos de trabalho da United Way na América Latina e Caribe é o investimento na Primeira Infância para que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades no futuro.

Apostamos na melhoria da qualidade dos cuidados prestados, no fortalecimento e acompanhamento das famílias, bem como na sensibilização da sociedade para o fato de que a infância é primordial para a construção do amanhã. Trabalhamos para esse objetivo ao lado de importantes aliados. Desta vez, nos conectamos com Alana, Maria Farinha Filmes e Flow pelo filme “O Começo da Vida 2: Lá Fora”, um conteúdo que não só enriquece nossos programas de impacto, mas também contribui para nossa campanha de conscientização sobre a grande relevância de um ambiente saudável ao redor das crianças para um desenvolvimento adequado.

*Eduardo Queiroz e Sofia Diaz*

## FUNDAÇÃO FEMSA

A missão da Fundação FEMSA é impactar positivamente as pessoas e suas comunidades por meio de investimento social em Sustentabilidade. Buscamos construir um futuro melhor para todos trabalhando em três áreas estratégicas: promoção da gestão eficiente dos recursos para o desenvolvimento sustentável, promoção do desenvolvimento integral na primeira infância e disseminação da arte e da cultura latino-americanas.

Nosso olhar para a primeira infância é o de permitir com que as crianças atinjam seu máximo potencial de desenvolvimento para que possam transformar as comunidades em que estão inseridas.

Em “O Começo da Vida 2: Lá Fora”, encontramos uma mensagem poderosa para a América Latina e o mundo: o contato com um ambiente harmonioso e sustentável desde o início pode ter um efeito profundamente transformador nas comunidades da região.

*Lorena Guillé-Laris, Diretora da Fundação FEMSA*





# O COMEÇO DA **VIDA** 2 LÁ FORA

Estamos lançando o filme no momento em que o mundo vive as consequências de uma pandemia que colocou boa parte da humanidade em isolamento social. Como falar sobre o "lá fora" quando a orientação é "ficar dentro de casa"? Ao mesmo tempo sabemos que a maioria das crianças vivia em confinamento mesmo antes da pandemia, passando boa parte do seu dia entre quatro paredes, na rotina casa/escola. É com esse desafio que encaramos a complexidade de pensar um futuro mais gentil, natural e acolhedor para todos.

Foram diversos os relatos de como a natureza se regenera com o isolamento social. As águas limpas da baía da Guanabara no Rio de Janeiro, os cantos dos pássaros, a diminuição da poluição. Essas notícias nos fazem pensar: seriam as pessoas tão nocivas assim? Talvez. Não acreditamos que exista uma resposta única. Mas algumas coisas descobrimos enquanto fazíamos esse documentário e queremos compartilhar com vocês.

Nós humanos e a natureza somos parte um do outro. Somos interdependentes. Palavra grande para dizer que dependemos uns dos outros. Nessa equação, nós precisamos muito mais da natureza do que ela de nós. É verdade. Mas a interdependência nos conecta e nos transforma. Tanto aos humanos quanto tudo o que é natural.

Como somos parte da natureza, estar em contato com ela nos ajuda a estar em contato com nós mesmos. Reconhecer os ciclos da vida, as fases da lua, as relações do mundo animal, sentir os aromas das plantas. Tudo isso nos acalma e inspira.

Mas natureza não é apenas aquilo que está lá fora. A natureza de que falamos pode ser encontrada numa ampla diversidade de ambientes, construídos e não construídos, especialmente aqueles a céu aberto, compostos por elementos naturais como rochas, terra, água, plantas, insetos, pássaros e todas as formas de vida.

Estamos tratando da "natureza próxima", aquela que pode ser acessada todos os dias em casa, na escola ou no bairro: pátios, ruas, canteiros, jardins, praças e parques. E também das áreas protegidas remotas e sem interferência humana, que propiciam experiências tão abundantes quanto a natureza desses lugares.

E, como cuidamos daquilo que amamos, é preciso se apaixonar pela natureza. Regenerar, revitalizar e conservar são verbos dos quais dependem o futuro do planeta e das pessoas. "O Começo da Vida 2: Lá Fora" te convida a perceber o que as crianças nascem sabendo: a natureza que está em todos os lugares. Dentro de nós, na floresta, nos bichos grandes e pequenos, na comida que comemos, no sol que aquece nossa pele. E que precisamos urgentemente resgatar nosso vínculo com ela.

Convida também a sonhar com cidades, espaços e escolas que tragam a natureza para o cotidiano das crianças, garantindo o direito a um futuro mais sustentável, justo, além de mais amigável e favorável ao seu desenvolvimento integral.

## AGRADECIMENTOS

Esse material de apoio foi produzido à muitas mãos. Contamos com a ajuda das seguintes organizações, às quais agradecemos muito:

- Instituto Alana
- Fundação Grupo Boticário
- Programa Criança e Natureza
- Programa das Nações Unidas pelo Meio Ambiente - PNUMA
- Fundação Maria Cecília Souto Vidigal
- Fundação Bernard van Leer
- Sociedade Brasileira de Pediatria







# FILME E OS ODS

Você sabe o que são os [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável](#)? São 17 Objetivos decididos por diversos países para transformar nosso mundo até 2030: acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem estar para todos, proteger o meio ambiente e enfrentar as mudanças climáticas. Tudo isso sem deixar ninguém para trás.

Nós da Maria Farinha Filmes e da Flow sempre conectamos nossas produções aos ODS. É uma forma de contar para mais pessoas o que são esses objetivos e como eles podem ser colocados em prática por todas as pessoas.

No filme “O Começo da Vida 2: Lá Fora” identificamos cinco ODS:

**3**  
SAÚDE E  
BEM-ESTAR



## 03. SAÚDE E BEM ESTAR

Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades

**10**  
REDUÇÃO DAS  
DESIGUALDADES



## 10. REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles

**11**  
CIDADES E  
COMUNIDADES  
SUSTENTÁVEIS



## 11. CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis

**13**  
AÇÃO CONTRA A  
MUDANÇA GLOBAL  
DO CLIMA



## 13. AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL CLIMÁTICA

Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos

**15**  
VIDA  
TERRESTRE



## 15. VIDA TERRESTRE

Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade



# ODS 18

# EMPATIA

# PELA VIDA



Uma iniciativa da sociedade civil para impulsionar mais um Objetivo de Desenvolvimento Sustentável começou há pouco tempo. O ODS 18 não é oficial e nem faz parte da agenda das Nações Unidas. Mas é um movimento que está crescendo.

O ODS 18 é a Empatia Ativa pela Vida, uma conexão maior com a Mãe Terra. Contém a dimensão ética e espiritual do ser humano, com sentimento de unidade, que nos conduz a superar e modificar nossa conduta e práticas a favor de um mundo mais pacífico, solidário, próspero e ambientalmente sustentável. O ODS 18 é transversal aos 17 ODS oficiais das Nações Unidas.

Nós apoiamos o ODS 18:

- **Meta 18.1:** Promover a Empatia Ativa pela Vida em âmbito Global
- **Meta 18.3:** Valorizar e empoderar as novas gerações como agentes de mudança para o desenvolvimento sustentável
- **Meta 18.2:** Valorizar a natureza como sujeito de direitos, como Mãe Terra, e os saberes ancestrais que cuidam dela.
- **Meta 18.4:** Promover os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas

Conheça esse movimento aqui: <https://pt.ods18.com/>



# COMO ASSISTIR AO DOCUMENTÁRIO

O filme está disponível para exibições gratuitas através da plataforma [Videocamp](#). Pedimos que você sempre verifique quais são as orientações da sua localidade sobre aglomeração e distanciamento físico. Siga as orientações oficiais.

Caso você queira promover uma roda de conversa após a exibição do filme e tenha dúvidas de como fazer, o Videocamp preparou um material muito legal e que pode te ajudar. [É só acessar aqui](#).

O que fazer antes da exibição:

Assista ao filme antes da exibição. O Videocamp libera o acesso 72 horas antes, assim dá tempo de você se preparar. Pense em como o filme te tocou, quais temas te chamaram mais atenção.

Se pretende fazer uma roda de conversas ou debate após a exibição, é importante se preparar para ouvir opiniões diferentes da sua, para conduzir o bate papo de forma que ninguém se sintá excluído e que todas as opiniões possam ser ouvidas e debatidas com respeito.

A função do exibidor/mediador é o de criar um ambiente propício para a troca de ideias, não o de levar o grupo a um consenso ou a uma conclusão pronta e acabada sobre os temas discutidos. Lembre-se que o filme tem 90 minutos e que pode ficar cansativo uma discussão muito longa após a exibição.



Leia todo este material de apoio com as informações sobre o filme e os temas propostos. Isso fará com que você se sinta mais segura ou seguro para falar e pode ajudar nas conversas após a exibição. Há também a possibilidade de convidar alguém para falar sobre temas específicos como saúde, educação, planejamento urbano e conservação da natureza.

Lembre-se que esse material é apenas uma sugestão de como conduzir a exibição e o debate. Não existem regras. Você pode conduzir a atividade como achar melhor.

# 01. EXIBIÇÃO

Faça testes antes da exibição pública, verifique a qualidade do som, da imagem.

# 02. ABERTURA

Lembre de agradecer a presença de todas e todos. Explique que o filme que eles irão assistir é um documentário sobre a relação das crianças com a natureza, suas complexidades e diversidade. E que após o filme será feita uma roda de conversa, debate sobre o documentário e os temas que ele levanta.

# 03. APÓS

Quando o filme acabar, uma forma interessante de começar a conversa é pedir que cada pessoa presente fale UMA palavra que defina o que ela sentiu ao ver o documentário. Este exercício ajuda a quebrar o gelo e já traz diversos elementos que podem ser usados na conversa.

## SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1) Qual é a sua primeira memória de experiência com a natureza?
- 2) Quando você era criança podia brincar livremente? Como você se sentia?
- 3) Quais são os principais impedimentos para que as crianças tenham mais acesso à natureza e mais tempo livre para brincar onde você mora?



# CIDADES



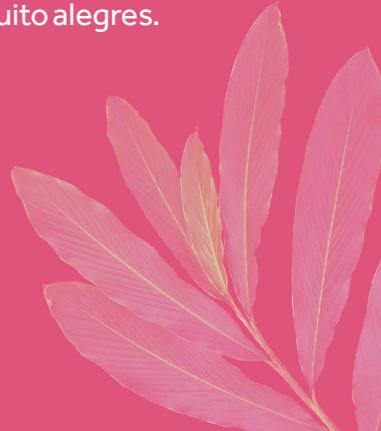


# UMA CIDADE BOA PARA AS CRIANÇAS E A NATUREZA É UMA CIDADE BOA PARA TODO MUNDO

PARA GESTORES DA CIDADE: PREFEITOS, SECRETÁRIOS,  
URBANISTAS, ARQUITETOS.

Ah, a rua! Só falam de tirar as crianças da rua. Para sempre? Eu sonho com as ruas cheias delas. É perigosa, dizem: violência, drogas... E nós adultos, quem nos livrará do perigo urbano? De quem eram as ruas? Da polícia e dos bandidos? Vejo por outro ângulo: um dia devolver a rua às crianças ou devolver as crianças às ruas; ficariam, ambas, muito alegres.

**PAULO FREIRE**



Atualmente mais de um bilhão de crianças moram em áreas urbanas pelo mundo. E estão sujeitas a falta de espaços na natureza, lugares seguros para brincar, a congestionamentos, poluição do ar e pouco tempo ao ar livre. Mas se resgatarmos nossas memórias de infância, lembraremos que a rua já foi um lugar de convívio das crianças. E de brincadeiras. Era nesse espaço que as relações sociais eram construídas, que era compreendido o que era a cidade, os espaços públicos.

Uma cidade que garanta o bem-estar, segurança de crianças e adultos, além de oferecer qualidade de vida, é garantida pelos artigos 225 e 227 da Constituição Federal. É um direito que precisa ser reivindicado por todos.

A maioria da população do Brasil vive em cidades (84% segundo IBGE 2010) e esse número pode aumentar. Dependendo do contexto socioeconômico ou de mobilidade, muitas famílias preferem manter suas crianças em ambientes fechados. Da casa para a escola, da escola para casa. A cidade se torna apenas uma paisagem na janela do ônibus ou do carro. Poucos trajetos são feitos a pé. E quando as crianças andam na rua estão sempre acompanhadas de um cuidador. Nunca sozinhas e livres.

Mesmo quando as crianças podem experimentar um pouco mais de liberdade em ir para a rua, seja em contextos de cidades menores, periferias, etc, não estão livres dos perigos da falta de segurança, da poluição, da escassez de espaços lúdicos, de parques, áreas verdes.

A cidade poderia ser um espaço de aprendizado e de descobertas para as crianças, desde a primeiríssima infância (0 a 3 anos). O percurso até a escola, postos de saúde, mercadinho poderiam se transformar em oportunidade de interação social, de contato com a natureza, estímulo aos diferentes sentidos (tato, visão, audição ...). No entanto, as crianças vivem boa parte do seu tempo em locais fechados e essa situação tem cobrado um preço alto, prejudicando o desenvolvimento físico e cognitivo das mais novas, gerando aumento de casos como obesidade e um modo de vida sedentário. Na disputa pelos espaços livres das cidades as incorporadoras quase sempre vencem. Especialmente em um contexto de crescimento desordenado e falta planejamento adequado das cidades.

O concreto toma o espaço livre, o verde. As crianças ficam sem a possibilidade de engatinhar ou andar descalças na grama, de correr soltando pipa, de observar uma formiga carregando uma folha nas costas, juntar folhas e pauzinhos para fazer uma comidinha. A cidade cresce em concreto e perde em vida.

São Paulo, por exemplo, tem apenas 2,6 m<sup>2</sup> de áreas verdes públicas por pessoa e esse número fica ainda mais baixo em algumas regiões da cidade. O padrão internacional recomenda que cada cidadão disponha de 18m<sup>2</sup> de espaço público verde e acessível. As perguntas que ficam são: ainda é possível pensar em cidades mais verdes e amigáveis para crianças? Será que vale a pena esse investimento? E como fazer isso?

Muitas experiências, tanto no Brasil, quanto fora do país, nos mostram que possível e recomendável essa transformação. O programa Criança e Na'tureza reúne em seu site diversas iniciativas, pesquisas e exemplos. Para quem desejar se aprofundar no tema, pode entrar [aqui](#).





**Essa criança tão distante de nós e tão necessitada de nossa ajuda e de nosso afeto, difícil de ouvir e de compreender, possui em si uma força revolucionária: se estivermos dispostos a colocarmo-nos na altura dela, a lhe dar a palavra, ela será capaz de nos ajudar a compreender o mundo e nos dará a força para a mudança (TONUCCI, 2005, p.207).**

**Abaixo colocaremos algumas das boas práticas que se repetem em muitos casos de sucesso e dicas de como implementar mudanças nas áreas urbanas.**

## **1 POR QUE É IMPORTANTE OUVIR AS CRIANÇAS AO PENSAR A CIDADE?**

As crianças, assim como os jovens, adultos e idosos, são membros valorosos da nossa sociedade. São sujeitos de direito no presente, não no porvir. A cidade também pertence a elas. Incluí-las nas decisões, seja na área de transporte urbano, construção de parques, limite de velocidade, mobilidade urbana, escolas e creches, saneamento básico, significa respeitá-las como atores sociais.

Quando questionadas, as crianças sabem dizer e expressar o que na cidade não as agrada, como por exemplo, contar sobre a dificuldade que é circular nas calçadas, o medo que têm dos carros que passam em alta velocidade, a dor de cabeça que sentem com o cheiro que sai do escapamento, o tempo que gastam no trajeto, a falta que faz uma área verde para brincar livre. Uma cidade com todas essas mudanças não seria uma cidade melhor para todo mundo?

Para se ouvir as crianças em sua linguagem natural, acessar seus dizeres mais sinceros, é importante utilizar-se de metodologias que criem situações que levem as crianças a se expressarem para além da via oral e escrita, por seus meios próprios: pela gestualidade corporal, pela expressão gráfica, pela construção de objetos tridimensionais, pelo brincar. É por meio dessas linguagens que ela mais facilmente comunica sua dimensão simbólica e, portanto, seus afetos e representações.

As crianças podem ser ouvidas por diferentes estratégias e ferramentas. Podem ser criados Conselhos Mirins, com participação nas conversas dos comitês municipais. As escolas podem servir de espaço de escuta ativa. As associações de bairro também são bons locais para reunir crianças e escutar quais são as melhorias que elas sugerem.

Saiba mais clicando [aqui](#) e [aqui](#).

## 2 O QUE É UMA CIDADE MAIS VERDE A AMIGÁVEL A CRIANÇA?

São cidades que adotam medidas que favorecem a inclusão e garantem a presença e circulação da criança nos espaços públicos e promove medidas que permitem o acesso à natureza em contextos urbanos.

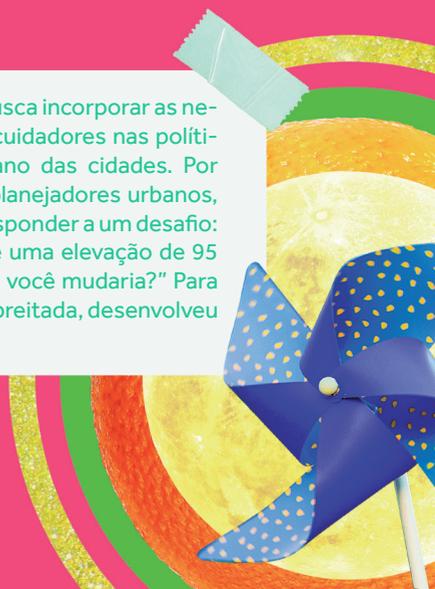
## 3 O QUE O GESTOR, URBANISTAS, ARQUITETOS DEVEM LEVAR EM CONSIDERAÇÃO AO PENSAR EM UM CIDADE BOA PARA CRIANÇAS?

É muito importante que a gestor urbano entenda que o acesso da criança à cidade, aos espaços públicos e áreas verdes é uma questão de direito. As cidades tem como centro de seu funcionamento as atividades econômicas, e se não houver um planejamento adequado, áreas verdes e de lazer, podem ter um espaço diminuto nas cidades.

A Constituição Federal, em seu artigo 227, estabelece que é dever da sociedade, estado e família cuidar da criança em absoluta prioridade. Isso significa que as necessidades das crianças devem ser atendidas e garantidas pelo poder público, dentre elas o direito a sentir-se pertencendo à cidade onde mora e poder circular pelos espaços públicos, expressando-se com sua linguagem mais genuína: o brincar.

Pensar em uma cidade rica em espaços lúdicos, com boas calçadas para transitar, velocidade de veículos mais segura e adequada, caminhos escolares seguros, rica em equipamentos públicos como biblioteca próximos às casas, com praças em todos os bairros, entre outras medidas, são condições fundamentais para que a criança tenha seu desenvolvimento integral garantido.

A iniciativa Urban95 da Fundação Bernard van Leer busca incorporar as necessidades da Primeira Infância (0 a 6 anos) e seus cuidadores nas políticas públicas, especialmente no planejamento urbano das cidades. Por esse motivo, a Fundação trabalha com urbanistas, planejadores urbanos, designers e autoridades municipais, e os convida a responder a um desafio: "Se você pudesse experimentar a cidade a partir de uma elevação de 95 cm - a estatura de uma criança de três anos - o que você mudaria?" Para apoiar os gestores municipais e servidores nesta empreitada, desenvolveu o documento **Urban95 starterkit**





## COMO É UMA CIDADE A PARTIR DE UMA ALTURA DE 95 CENTÍMETROS?

A seguir, cinco pontos de atenção para como crianças pequenas vivenciam a cidade, e de que forma o design e o planejamento urbano podem ajudar ou impedir o desenvolvimento delas.

- 01** Os menores elementos, como um degrau ou uma estampa de azulejos na calçada, convida a brincar e explorar.
- 02** Crianças pequenas dependem de seus cuidadores para se locomover pela cidade. Tornar mais fácil e rápido que famílias com carrinhos e membros de pernas curtas cheguem a destinos cruciais é uma das melhores coisas que podem ser feitas para aliviar o estresse e aumentar a probabilidade de que estas famílias façam uso dos serviços.
- 03** Percorrer distâncias longas entre postos de saúde, creche, espaços verdes e lugares onde comprar comida saudável pode ser especialmente difícil – e caro.
- 04** A altura reduzida das crianças pequenas as coloca constantemente perto da saída de gases do escapamento dos carros que passam.
- 05** Esperar (a chegada do ônibus, consultas e em filas) é um desafio. Recursos que permitam o explorar e o brincar tornam a espera mais fácil e criam oportunidades valiosas de aprendizagem e interação social.

95 | O que é Urban95

[FONTE](#)

### LINKS

- [Urban95 starterkit](#)





## 4 PLANEJAMENTO INTERSETORIAL

Na construção de uma cidade que seja boa para crianças algumas considerações são necessárias. A primeira é pensar de forma em que os diversos setores de planejamento urbano conversem entre si. Reunir defensores da saúde pública, do meio ambiente, sustentabilidade, mobilidade urbana, amigos das crianças. Essa conexão irá ajudar a [estabelecer um vínculo](#) entre o planejamento urbano que seja propício à criança com as prioridades dos municípios em torno de fatores econômicos, demográficos, de sustentabilidade e/ou saúde pública.

As decisões sobre limite de velocidade em áreas onde crianças circulam mais. Iluminação para tornar a área mais segura. Plantio de árvores para um trajeto com sombra. Transporte público mais amigável a crianças e seus cuidadores. Alimentação de qualidade nas escolas. Todas essas decisões dependem de setores diversos de uma prefeitura. O que os conecta é que uma das prioridades, junto com a questão financeira, política, é que a criança foi vista e levada em consideração como alguém que também usufrui da cidade. A mudança de pensamento é o primeiro passo.

## 5 ÁREAS DE BRINCAR: É SÓ NOS PARQUINHOS?

Quando pensamos em uma cidade que seja boa para as crianças logo vem à nossa mente: parquinhos! E geralmente eles são muito parecidos de norte a sul do Brasil. Alguns balanços, escorregador (ou escorrega), trepa-trepa, gangorra. Algumas coisas até mudam, mas em geral é isso. Mas precisa ser só isso?

E se a gente pensar que a cidade toda pode ser um grande parque de brincadeiras livres para as crianças? A rua, o ponto de ônibus, as calçadas. Pensando nisso que a Lego Foundation e a Arup desenvolveram o relatório técnico *Reclaiming Play in Cities* que apresenta uma ferramenta destinada a apoiar os atores urbanos, incluindo tomadores de decisão, ativistas e investidores para avaliar a amplitude e profundidade do brincar em suas cidades. (Se quiser ler o relatório completo, [acesse aqui](#)).

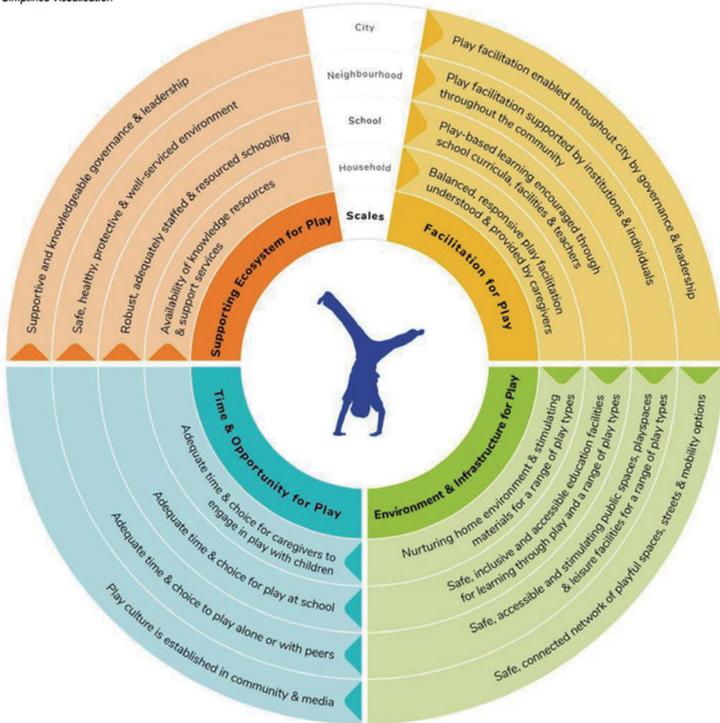
A publicação *Cidades para Brincar e Sentar: mudança de perspectiva para o espaço público*, traz a experiência da pequena cidade de Greishein, reconhecida como Cidade para brincar, que recuperou seus espaços públicos para serem mais atraentes para as crianças e passíveis de serem percorridos de forma autônoma pelos pequenos cidadãos.

As crianças aprendem brincando. A brincadeira é um modo de estar no mundo e de descobrir o mundo. Aprender através da brincadeira aumenta o conhecimento e o nível de compreensão, desenvolve habilidades físicas, cognitivas, sociais. O objetivo do *Reclaiming Play in Cities* é demonstrar que o espaço urbano tem muito potencial para as crianças brincarem. E aprenderem.

Para desenvolver todo o seu potencial, as crianças precisam não apenas de segurança, nutrição, saúde e ar limpo e água; eles também precisam de muitas oportunidades para brincar e aprender com os ambientes sociais e construídos que os rodeiam. Autoridades da cidade, incorporadoras, engenheiros e especialistas em desenvolvimento, frequentemente têm dificuldade em entender como o trabalho deles e ambiente construído como um todo, relaciona-se às necessidades das crianças, especificamente para aprender através da brincadeira.



The Urban Play Framework.  
Simplified Visualisation



FONTE



## 6 A CIDADE PODE SER UM GRANDE PARQUE. MAS OS PARQUINHOS TAMBÉM SÃO LEGAIS.

Ao desenvolver parquinhos tradicionais, muitas vezes nos esquecemos das crianças na primeiríssima infância (primeiros 1000 dias de vida). No entanto, este é um período em que o cérebro humano é particularmente sensível às influências do ambiente, podendo ser afetado por meio dos canais sensoriais tais como som, tato, visão, olfato. Para apoiar os gestores no desenvolvimento de [parquinhos integrados com a natureza](#) e que promovam o desenvolvimento pleno das crianças nos primeiros anos de vida, a Fundação Bernard van Leer desenvolveu o [guia](#).

Além dos parquinhos que conhecemos, há uma outra forma de pensar o brincar em áreas verdes. São os parquinhos naturalizados, aqueles em que os próprios elementos naturais – pedras, troncos, árvores, água, barrancos e degraus são o convite ao brincar. São aqueles que oferecem à criança liberdade e também privacidade, cantinhos onde ela pode estar só por alguns instantes. Eles acolhem crianças de todas as idades, habilidades e interesses para brincar e aprender, por meio da manipulação e interação com elementos, materiais, habitats e organismos naturais diversos. Nesses espaços, as crianças são encorajadas a viver experiências “mão na massa” e a conduzir suas próprias explorações, criando brincadeiras ao mesmo tempo em que exercitam habilidades motoras e sensoriais. Diversas pesquisas mostram que essas áreas são mais estimulantes, desafiadoras e acolhedoras para as crianças quando comparadas aos parquinhos tradicionais. (CeN)

## 7 SE ESSA RUA FOSSE MINHA?

Uma outra forma das crianças ocuparem as cidades é [andando a pé](#). Caminhar revela muito se a cidade está, ou não, preparada para receber as crianças. Calçadas esburacadas, degraus, tampas de bueiro soltas impedem que parte da população circule. Crianças muito pequenas, pessoas com limitação na mobilidade, pessoas em cadeira de rodas, cuidadores empurrando carrinhos de bebê. A velocidade dos carros, a falta de sinalização, de lombadas, de faixa de pedestre.

A cidade pode ser um ambiente intimidador para o transporte a pé. É necessário educá-los sobre a forma mais segura de circular. Por esse motivo, diversas organizações começaram a desenvolver [atividades](#) com crianças para ensiná-las a [andar pela cidade](#).

As crianças andam e observam. Contam quantas árvores têm no caminho, se é possível ouvir os pássaros, se os carros param para elas atravessarem as ruas, se existe faixa de pedestre, se o tempo do semáforo é suficiente para ir de um lado ao outro da rua. Ocupar a cidade a pé é também se conectar a um mesmo tempo com a natureza e com o espaço público. É nesse encontro que as crianças se educam e educam os outros atores sociais. Aqueles que estiverem dispostos a escutá-las.





# SAIBA MAIS



## MATERIAIS

- [Novas Perspectivas para uma cidade brincante](#) | Missão Técnica Criança e Natureza – Alemanha
- [Lia vai à escola... de bicicleta!](#) | Conexão Planeta
- [Por mais parques, mais natureza e mais autoria na vida das crianças](#) | Conexão Planeta
- [Quando as crianças andam a pé pela cidade, o benefício é para todos](#) | Conexão Planeta
- [Material “Cidades mais ricas em Natureza - Entrevista com Richard Louv”](#)

## VÍDEOS

- Vídeo [“O papel dos espaços lúdicos para a formação da criança cidadã”](#)
- Vídeo [“O Tamanho que o Planeta é”](#)
- Vídeo [“Se essa rua fosse minha”](#)

## SITES

- [Acupuntura Urbana](#)
- [Agenda Pública](#)
- [Bike anjo](#)
- [Cidade Ativa](#)
- [Como Anda](#)
- [Corrida Amiga](#)
- [Confederação Nacional de Municípios - CNM](#)
- [Estratégia ODS](#)
- [Frente Nacional de Prefeitos - FNP](#)
- [Movimento Nossa BH](#)
- [SampaPé](#)
- [Transporte Ativo](#)
- [União de Ciclistas do Brasil - UCB](#)





# O COMEÇO DA VIDA 2 LÁ FORA

PRODUÇÃO



PATROCÍNIO



DISTRIBUIÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



# O COMEÇO DA VIDA 2 LÁ FORA

## REDE DE IMPACTO

A Taba  
Acupuntura Urbana  
Agenda Pública  
Aldeia Jaboticaba  
Alexandre Coimbra Amaral  
ANDI - Comunicação e Direitos  
Ashoka  
Asociación para la Niñez y su Ambiente - ANIA  
Assembleia Legislativa de São Paulo: Frente Parlamentar ODS + Frente Parlamentar Primeira Infância + Frente Parlamentar Ambiental  
Associação Mucury Cultural  
Avante - Educação e Mobilização Social  
Be The Earth  
Bike anjo  
Brincar na Praça  
Caminhos da Psicanálise  
Carretel Cultural  
CENPEC Educação  
Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Campo Limpo  
Cidade Ativa  
Cidadeapê – Associação pela Mobilidade a Pé em São Paulo  
Ciranda de Filmes  
Coalizão Pró-UCs  
Colectivo Primera Infancia  
Colégio Paulo Freire  
Como Anda  
Comunidade Educativa CEDAC

Conversa de Quintal  
Corrida Amiga  
Cria para o Mundo  
Daniel Becker  
Diário da mãe da Alice - Mariana Rosa  
Editora Matrescência  
EducaMídia - Instituto Palavra Aberta  
Educando Tudo Muda  
Enseña Perú  
Escola de Gente  
Escola Nossa Senhora do Carmo  
Escola Pluricultural Odé Kayodé - Espaço Cultural Vila Esperança  
Estratégia ODS  
Famílias Pelo Clima  
Family Talks  
Frente Nacional de Prefeitos - FNP  
Fundação Lemann  
Fundação SOS Mata Atlântica  
Fundación Cinépolis  
Fundación Colombiana del Corazón  
Fundación Colunga  
Fundación Cosmos  
Fundación Ecotopia  
Fundación Mi Parque  
Fundación Patio Vivo  
Gaia+  
GIFE  
Grupo Cataratas  
Huertos Milpazul

# O COMEÇO DA VIDA 2 LÁ FORA

## REDE DE IMPACTO

Instituto da Infância - IFAN  
Instituto de Arte Tear  
Instituto Desiderata  
Instituto Dimicuida  
Instituto Elos  
Instituto Federal do Paraná - Campus Jacarezinho  
Instituto Iguá  
Instituto Jane Goodall Argentina  
Instituto Nossa Aldeia  
Instituto Rodrigo Mendes - IRM  
Instituto Romã  
Instituto Socioambiental - ISA  
IPA Brasil  
IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas  
IUCN - União Internacional para a Conservação da Natureza  
Jane Goodall's Roots & Shoots Argentina  
Lima Cómo Vamos  
Luderê Afro Lúdico  
Mamatraca  
Movimento Boa Praça  
Movimento Nossa BH  
Movimento Raízes  
Mútua Criativa  
Na floresta  
Nature For All  
Navegando nas Artes  
Ocupa Tu Calle

Oli Saúde  
OpEPA  
Outward Bound Brasil  
Papo de Mãe  
Parents For Future  
Parque Escola - Educação Infantil  
Parquetur  
Plant for the Planet  
Prefeitura de Jundiá  
Rabiola - Casa Escola de Arte e Sensibilização  
Reconnecta  
Rede Nacional Primeira Infância - RNPI  
Rethinking Childhood  
Sampapé  
Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (RS)  
Semeia  
Semente Cinematográfica  
Ser Criança é Natural  
SESC - Serviço Social do Comércio  
Sociedade Brasileira de Pediatria - SBP  
Turma do Jiló  
Undime - União dos Dirigentes Municipais de Educação  
União de Ciclistas do Brasil - UCB  
UNICEF  
Voador  
Wongtschowski & Zanotta Advogados  
WWF Brasil